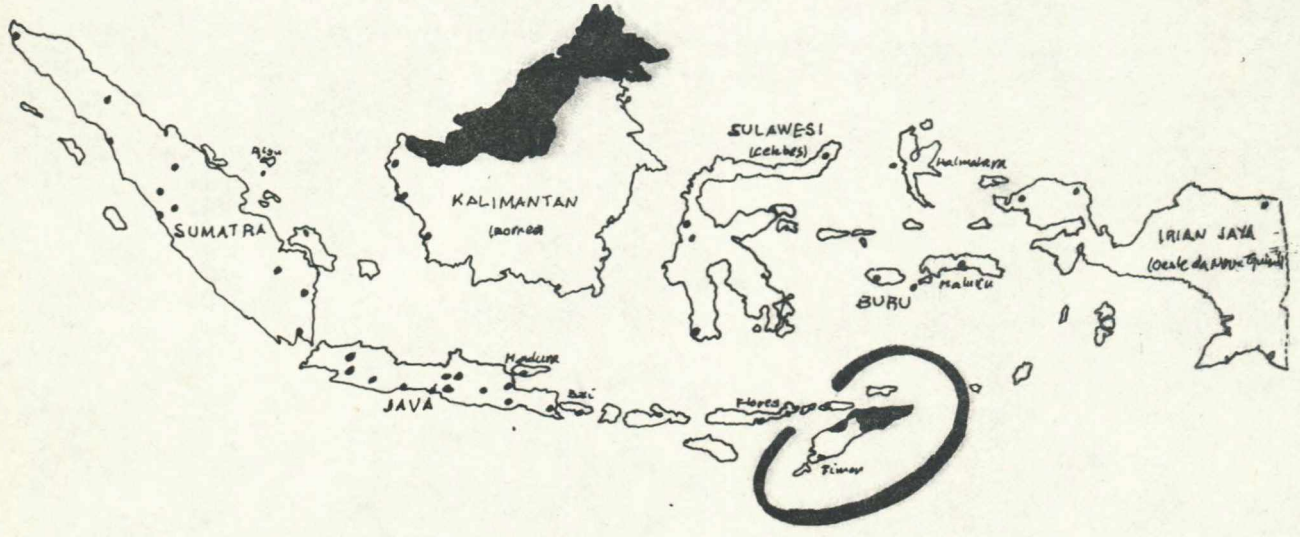
TL 3389

A INDONÉSIA E A AGRESSÃO IMPERIALISTA NO TIMOR-LESTE

CARTA DAS PRISÕES E CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO



• Algumas prisões e campos de concentração

edição do cida·c

INDONÉSIA

A Indonesia é um arquipélago de 3000 ilhas habitadas, e que domina as ligações marítimas entre, por um lado, a Africa, o Medio Oriente e a Europa, e por outro, a China, o Japão, e a Autrália.

A sua população atinge 120 milhões de habitantes, com um aumento anual de cerca de 2,4% e agrupa-se em mais de 300 etnias. Mais de metade das pessoas residem na ilha de Java, que apenas representa 6,9% do território (600h/Km2 em 1971). 70% da população é camponesa sabendo-se, através das estatísticas oficiais, que 60% dos camponeses de Java não possui qualquer pedaço de terra enquanto que 80% a 90% das propriedades têm menos de 1 ha.

A Indonésia é rica em matérias-primas: petróleo, cobre, estanho, madeira, peixe e cultiva os principais produtos tropicais: chá, café, borracha, cana de açucar. Devido ao seu passado colonial, e à exploração imperialista, a economia indonésia depende totalmente dos mercados mundiais.

A agricultura está quase exclusivamente virada para a exportação, sendo o mercado local abastecido pelo produto de uma fraca agricultura de subsistência (o arroz, base alimentar da população, continua a ser em grande parte importado).

A INDONÉSIA ATÉ À INDEPENDÊNCIA

ANTES DA OCUPAÇÃO HOLANDESA

A historia do arquipélago da Indonésia foi desde muito cedo marcada por uma sucessão de principados e reinos que se opunham constantemente entre si. Dois deles têm sido importantes pontos de referência para o movimento nacionalista indonésio, na medida em que prefiguraram já o actual território do país: o império marítimo e comercial de Srivijaya (Sec. VII) e o reino de Majapahit. (Sec. VIII).

Nestas sociedades, fortemente hierarquizadas à volta do rei e da sua corte, desenvolveram-se importantes culturas, muito influenciadas pelo hinduismo, que se veio sobrepôr às tradicionais crenças animistas.

Entre os Sec.XII e XIII surge o Islão, adoptado em primeiro lugar pelas classes dirigentes, e que mais tarde se expande, a pouco e pouco, nas sociedades do interior, onde se mistura com as outras crenças.

O PERÍODO COLONIAL

A partir do Sec. XVI, toda a região é 'assaltada' pelos europeus (espanhois, portugueses, holandeses), que procuram estabelecer os seus postos comerciais e entender-se com as aristocracias locais, sem que a sua real penetração no interior seja muito forte.

Mas após uma curta ocupação inglesa do território indonésio (1811 - 1814), no seguimento das guerras napoleónicas na Europa, a Holanda decide reforçar o seu domínio sobre o arquipélago, no intuito de poder assegurar uma exploração cada vez mais lucrativa.

Assim, de 1830 a 1870 é instaurado o 'sistema das culturas' (os camponeses de Java devem dar gratuitamente uma parte do seu trabalho e das suas terras para as culturas de exportação - açucar, café, etc.) e a Holanda toma directamente conta da administração da ilha.

A partir de 1870, as culturas do Estado começam a ser substituídas por explorações particulares, ao mesmo tempo que se fazem apelos aos investimentos no arquipélago, valorizado com a abertura do canal de Suez. Deste modo se acentua o confronto entre a economia capitalista e a economia tradicional, obrigando as populações a viver em condições cada vez mais miseráveis.

O NACIONALISMO INDONÉSIO

Apesar de algumas tentativas feitas para minorar ou esconder esta realidade ("política ética" lançada em 1901 na intenção de melhorar um pouco as condições de vida dos "indigenas"), o movimento nacionalista contra a ocupação colonial começa a organizar-se: em 1912 surge o Sarekat Islam (agrupamento político ligado ao Islão), em 1920 é fundado o PKI (Partido Comunista Indonésio).

Seguem-se vários movimentos grevistas e em 1926 é abafada pelos holandeses uma importante revolta: as autoridades prendem e deportam milhares de pessoas, a maior parte comunistas.

Em 1927, um jovem engenheiro, Sukarno, funda o Partido Nacional Indonésio (PNI), procurando deste modo unificar o movimento nacionalista (tendências muculmana, marxista e nacionalista). Em 1928 reclama a independência e lança a sua palavra de ordem: "um só povo, uma só nação, uma só lingua".

Mas a luta anti-colonial é duramente reprimida, as condições económicas agravam-se, e um novo perigo se aproxima: a ocupação Japonesa (1942). As forças de esquerda passam para primeiro plano a luta anti-fascista contra o invasor.

A OCUPAÇÃO JAPONESA

Os japoneses, desejosos de ganhar as boas graças da população, libertam Sukarno e outros dirigentes nacionalistas, e dão-lhes alguns cargos de responsabilidade na direcção de organizações de mobilização popular.

Aproveitando estes meios, e outros igualmente postos à sua disposição (a rádio) os nacionalistas continuam o seu trabalho de consciencialização. Ganhando força, Sukarno chega a reclamar uma força armada, e consegue obtê-la (é a Peta, embrião do futuro exercito Indonésio).

Mas os japoneses, para contrabalançar este movimento crescente, dão também apoio às forças muçulmanas: em 1943 é fundado o Masjumi (conselho dos muçulmanos indonésios).

A guerra começa a correr mal para o Japão. Em 1944, este vê-se obrigado a prometer a independência à Indonésia, e em Maio-Junho do ano seguinte é constituído um comité encarregado de preparar a transferência de poderes.

Sukarno anuncia então o fundamento do novo Estado, consubstanciado nos "Cinco Principios" (Panka Sila): naciolalismo, humanidade, democracia, justiça social, crença num Deus). A partir deste momento, a clivagem entre os muçulmanos e os não-muçulmanos torna-se clara, e é uma ameaça constante à unidade nacional.

A 15 de Agosto de 1945 o Japão capitula. Dois dias mais tarde Sukarno proclama a independência da Indonésia.

A "REVOLUÇÃO INDONÉSIA" E O GOVERNO DE SUKARNO

A LUTA PELA INDEPENDÊNCIA

Os quatro anos de luta contra a antiga potência colonial, que de novo quer fazer valer os seus "direitos", constituem o período da "revolução indonésia". Por várias vezes os holandeses desencadeiam as chamadas "operações de polícia" (1947, 1948), no intuito de recuperarem o seu antigo território.

Mas a resistência interna, a indignação internacional, e o apoio dos Estados Unidos, desejosos de controlar a região, conseguem fazer vingar a jovem república. A 17 de Agosto de 1950 é proclamada a República Unitária da Indonésia, sob a divisa "Unidade na Diversidade".

A " DEMOCRACIA À OCIDENTAL" - (1950 - 1957)

O novo Estado adopta um sistema político directamente inspirado na democracia parlamentar ocidental. Forma-se o Parlamento, e o jogo dos partidos políticos começa. Em 1955 realizam-se as primeiras eleições gerais, que confirmam os 4 grandes partidos: PNI (22,3%), Masjumi (muçulmanos modernistas pró-ocidentais, 20,9%), NahdatulUlama (muçulmanos tradicionalistas, 18,4%), PKI (16,4%).

- Uma economia arruinada

As questões de fundo continuam no entanto sem resolução. Completamente abalada pela guerra, a economia indonésia está ainda, na sua maior parte, nas mãos dos estrangeiros, sobretudo dos holandeses; só em 1957 estas empresas são nacionalizadas, como represália contra a obstinação dos Países Baixos que não querem libertar a nova Guiné ocidental (Irian Barat). Os militares, com medo da acção dos comunistas, ocupam imediatamente os postos-chave nas empresas nacionalizadas, constituindo-se deste modo numa importante força económica.

Por outro lado, prevalecem todas as desigualdades regionais, e não há capacidade de encontrar uma solução adequada para este problema (Java continua a ser essencialmente consumidora, enquanto que as outras ilhas fornecem todos os produtos de exportação).

A população exige uma planificação económica, verdadeiras nacionalizações, e uma reforma agrária.

- O peso crescente dos militares

É preciso disciplinar, racionalizar, hierarquizar, o exército ou, pelo contrário, manter o exército popular que lutou contra as agressões holandesas?

A escolha é difícil, e o Parlamento não consegue decidir. Em 1952 os partidários do exército profissional tentam um golpe de força para obrigar o presidente Sukarno a dissolver o Parlamento. Este reage, e relança a campanha para a recuperação de Irian Barat, como forma de cimentar a unidade nacional.

Mas depois das eleições a direita indonésia, assustada com a ascensão comunista, reorganiza-se e joga nas rebeliões militares contra o poder central, agudizando as rivalidades étnicas e regionais. Em Sumatra e Sulawesi (Celebes) são criados conselhos rebeldes que organizam grandes acções de contrabando.

Em Março de 1957 é proclamado o estado de urgência, e um ano mais tarde, um governo "revolucionário" (PRRI) opõe-se claramente ao governo de Jakarta, apoiado pelos americanos. Sukarno conserva no entanto a fidelidade da maior parte do exército, (comandado pelo general Nasution) e consegue esmagar a rebelião.

- Política internacional

Os dois primeiros governos que sucedem à proclamação da independência são anti-comunistas e pro-ocidentais. O segundo tenta até fazer um acordo secceto com os Estados Unidos, o que provoca a sua queda.

Mas a partir de 1953, resolvida a crise do parlamento, Sukarno consegue fazer aprovar a sua política anti-imperialista: campanha para a recuperação da Nova Guiné, Conferência de Bandung em 1955.

A DEMOCRACIA DIRIGIDA - (1959 - 1965)

A situação degrada-se cada vez mais, sob todos os pontos de vista. Desde Fevereiro de 1957 que Sukarno propunha "fazer o enterro" dos partidos políticos. No entanto, só em 1959 consegue retomar a ofensiva, e proclamar a "democracia dirigida".

No manifesto político de 17 de Agosto de 1959 distingue duas fases na revolução: democrática e socialista, considerando que a Indonésia está ainda na primeira fase (luta contra o imperialismo e as forças feudais internas). E propõe o seu plano: dissolução da Constituinte (que desde 1956 não conseguira ainda decidir se a Indonésia era um Estado fundado no Islão ou nos Panka Sila), obediência à constituição de 1945, retorno ao socialismo indonésio, à democracia dirigida, à economia planificada e à identidade nacional. A base ideológica deste projecto é a colaboração entre os vários grupos "funcionais" (operários, camponeses, intelectuais ...), (gotong rojong), com o apoio dos comunistas, dos nacionalistas, dos meios religiosos e do exército. A palavra de ordem é: nacionalismo, religião, comunismo (nasakom).

O Parlamento é renovado, os dois principais partidos comprometidos nas rebeliões são proibidos (Masjumi e Partido Socialista). O Presidente concentra importantes poderes.

A politica externa continua a guiar-se pelos mesmos princípios: a campanha para a recuperação da Nova Guiné ocidental continua até 1963, altura em que os holandeses, pressionados pelos Estados Unidos, receosos duma nova guerra, cedem às reivindicações indonésias.

Mas as ameaças imperialistas não desaparecem: a criação da Malaysia, apoiada por Washington, constitui um novo perigo, visto que a nova Federeção devia agrupar os territórios da Malásia, Sarawak, Sabah e Brunei, correspondendo os três últimos à parte norte de Kalimantan.

Sukarno envia tropas para Kalimantan e recusa uma ajuda dos Estados Unidos(1964). Aproxima-se da China Popular, e fala de um eixo Jakarta-Pekin, que passaria por Pyongyong, Hanoi, Phnom Penh e Havana. Em 1965 abandona a ONU, denunciando a política das "velhas forças" e propõe a substituição daquela por uma organização das "novas forças" (N.E.F.O.S.).

-- O agravamento da crise económica

Em 1960 é aprovado um plano económico para os próximos 8 anos mas que depressa encontra obstáculos intransponíveis: boicote imperialista, incapacidade de investimentos nacionais, corrupção dos militares que administram as empresas nacionalizadas, gastos com a guerra (Irian Barat e Kalimántan absorvem 70% do orçamento nacional). O custo de vida sobe alarmantemente: o preço do arroz, passa de 100 unidades em 1953 para 294 em 1959 e 1005 em 1965.

-- A Reforma Agrária

A luta de classes intensifica-se no campo, sobretudo na ilha de Java, onde a população continua a crescer, e a terra a pertencer a meia dúzia de notáveis. O povo reclama a Reforma Agrária, mas esta não é nunca aplicada com rigor. Os proprietários entregam as terras a homens da sua confiança, ou fazem doações aos institutos religiosos muçulmanos.

O Governo, indeciso, sem querer tomar o partido de uns ou de outros, jogando na reconciliação, acaba por defender os proprietários.

1963 é um ano de fome e miséria: seca, invasões de ratazanas, más colheitas. Uns meses mais tarde o PKI decide lançar "acções unilaterais": os camponeses ocupam as terras.

O equilibrio político conseguido a nível central (nacionalistas, comunistas, exército) ameaça desfazer-se: Sukarno consegue no entanto um compromisso e convoca uma conferência nacional para Dezembro 1964, à qual assistem todas as forças do país. Mas apesar desta conciliação, o clima de destabilização permanece, sobretudo nas zonas onde os afrontamentos provocam muitas dezenas de mortos.

- O Partido Comunista Indonésio

A acção do PKI durante o regime de Sukarno tem suscitado muitas reflexões e tomadas de posição, e deu origem, inclusivamente, a uma séria autocritica do próprio Partido, depois do golpe de 1965.

Embora enfraquecido pela repressão das revoltas de 1926 e 1948, o PKI desenvolveu-se extraordinàriamente durante todo este período, contando em 1965 com cerca de 16 milhões de membros e simpatizantes, a maior parte habitantes no centro e leste de Java.

Esta força popular é no entanto utilizada apenas como massa de manobra quando é preciso apoiar ou pressionar o governo central. Teoricamente o partido define a sua linha política com base na concepção de uma frente nacional unida sob a direcção da classe operária. Na prática, a sua política limita-se ao jogo parlamentar, ao controle das organizações de massa (central sindical operária, central sindical camponesa, organizações de jovens e de mulheres) e ao apoio do presidente Sukarno e da sua filosofia (Panka Sila)

O GOLPE REACCIONÁRIO DE 1965 E A "ORDEM NOVA DE SUKARNO"

A tensão acentua-se progressivamente, a todos os níveis: luta contra a ingerência imperialista em Kalimantan, crise economica, Reforma Agrária, anti-comunismo crescente.

Em Janeiro de 1965 Aidit, dirigente do PKI e ministro sem pasta, pede o armamento dos operários e dos camponeses no caso de hostilidades abertas com a Malaysia. O exército recusa categoricamente o aparecimento desta Quinta Força (sendo as outras quatro o exército, a Força Aérea, a Marinha e a polícia) e reforça a sua aliança anti-comunista com os muçulmanos.

Na madrugada de 30 de Setembro para 1 de Outubro o general Untung, comandante da guarda pessoal do Presidente, desencadeia uma operação "dirigida contra os generais, membros do Conselho de Generais, apoiado pela CIA" (proclamação na rádio no dia 1 de manhã). Os seis generais mais importantes do exército são presos e mortos, Sukarno é protegido na base aérea de Halim.

Mas em 24 horas o panorama muda completamente. O general Suharto, que conseguira escapar misteriosamente à depuração, toma conta da situação, a partir de Jakarta, e instala a sua "ordem nova".

A caça aos comunistas é a principal actividade nos dias que se seguem ao golpe (embora só em Março de 1966 o PKI seja formalmente ilegalizado). O Governo anuncia, passados alguns meses que foram mortas 87.000 pessoas. Mas só os missionários de Bali falam em 30.000 assassinatos naquela região. O número oficioso, geralmente apontado: um milhar para toda a Indonésia. Os principais dirigentes do PKI são mortos. E as prisões elevam-se a mais de 750.000.

Os militares eliminam a pouco e pouco, sem pressas, mas com segurança, todos os apoios de Sukarno. Este, completamente manietado, morre no maior isolamento em 21 de Julho de 1970.

Assim se instala a 'Ordem Nova' de Suharto. Os massacres e as prisões continuam: 3.000 mortos na região de Purwodadi em Setembro de 1968; 2.000 na região de Brebi, no fim do mesmo ano.

Um camponês de Java conta: "O meu vizinho ficou maluco. De Agosto a Novembro de 1968 matou 17 pessoas, sob ordem escrita do exército, porque ele queria fazer as coisas bem. Cortou-lhes a cabeça perto do rio durante a noite, mas via-se tão mal, que uma vez matou o próprio irmão da sua mãe. Mas foi bem pago 280$00 por cabeça de comunista."

O terror instala-se por toda a parte. Os campos de concentração estão completamente cheios. Os prisioneiros são divididos em 4 categorias: A (directamente implicados no "golpe" - cerca de 5.000), B (implicados no golpe, mas sem provas, o que quer dizer que nunca serão julgados - 10.000 em 1969), C (perigosos, mas com possibilidade de pedir clemência - cerca de 74.000) e D ou X (que não sabem do que são inculpados).

Um membro do Governo Indonésio declara em Jakarta alguns anos depois do golpe: "O massacre dos comunistas, felizmente, não provocou muitos protestos no estrangeiro. O nosso problema nunca foi o dos comunistas que morreram, mas o dos que continuam vivos nas nossas prisões e nos campos de concentração. Oficialmente, o número é de 76.000, mas eles são talvez o dobro. Cortando-lhes a cabeça a todos, teríamos evitado o problema irritante de os ter prisioneiros". E acrescenta: "libertá-los? Fizemos essa experiência várias vezes. Quando já não tínhamos lugares para os prisioneiros A, deixávamos voltar às suas terras um certo número de presos da categoria C. Mas os vizinhos depressa os abatiam. A eliminação do comunismo é uma coisa sagrada que eles têm agora no sangue."

Os partidos políticos são reduzidos: o governo decide que "para facilitar a vida política" e não influenciar as massas, os partidos não podem ter actividade ao nível das aldeias, mas apenas ao nível das províncias. E os 9 agrupamentos políticos existentes (já não contando com o PKI) devem fundir-se em dois únicos partidos: "Desenvolvimento e Unidade" e "Demokrasi". Ao mesmo tempo forma-se o "Golkar, partido político oficial, que tem 227 lugares assegurados no Parlamento (460 membros), além dos 100 deputados nomeados directamente pelas Forças Armadas (que, formalmente não têm direito de voto).

Os sindicatos revolucionários são substituídos por instâncias governamentais "que defendem os trabalhadores". Assim, toda a vida política da Indonésia é completamente controlada. Suharto que tinha assumido plenos poderes em Março de 1966, nomeia-se Presidente um ano mais tarde.

A política de submissão ao imperialismo é total. A guerra com a Malaysia termina logo após o golpe. E a Indonésia entra na ASEAN, associação dos Estados da Asia do Sudeste, Filipinas, Malasia, Austrália e Nova Zelândia e cujo objectivo é a manutenção da "estabilidade" da área. Apesar desta situação, a Indonésia continua a fazer parte "do Movimento dos Países Não Alinhados".

O CONTEXTO INTERNACIONAL

O golpe de 1965 não aconteceu por acaso, nem resultou apenas dos problemas internos da Indonésia ou da ambição de meia dúzia de generais. Assim como a manutenção da "ordem nova" nestes últimos 11 anos não se deve apenas à inteligência de um homem, ou às necessidades de desenvolvimento do país.

De facto, desde muito cedo o imperialismo compreendeu a importância de assegurar o seu domínio na Asia do Sudeste. A guerra e o boicote ao regime de Sukarno, tanto no plano externo, como no plano intern (empolando as dificuldades reais que existiam) foram constantes e são prova disso mesmo. O golpe de 1965 foi o resultado da necessidade absoluta que o imperialismo tinha de assentar em bases sólidas o poder que tentava escapar-lhe (Vietname, Cambodja....).

OS INTERESSES AMERICANOS

Os Estados Unidos apoiam-se, não só sobre o governo indonésio, como sobre a Austrália e, em geral, a maior parte dos países da área (ASEAN). A sua política de dominação tem, evidentemente, várias facetas, que vão desde a exploração económica até à "ajuda" militar ou para o "desenvolvimento".

- Indonésia

Mesmo durante o regime de Sukarno, os EUA nunca deixaram de dar ajuda à formação dos militares locais, tal como explica, em 1968, um alto funcionário do Pentágono, Paul Wainke: "Mantivemos essa ajuda, mas não para apoiar o regime existente. Com efeito, estávamos cada vez mais contra esse regime. Mas era preciso conservar uma ligação com os militares do país que, de facto, se mostraram os homens fortes depois da queda do regime". Entre a independência e o golpe de estado, os americanos treinaram 1.200 oficiais indonésios, e mais de 500 polícias. Em 1964 participaram no treino, em território indonésio, de 62.000 dos 110.000 agentes da força nacional da polícia indonésia.

Logo após o golpe, os EUA recusaram-se a fornecer o material bélico pedido pelos novos governantes, com medo de que estes recomeçassem a guerra contra a Malaysia. Mas comprovado o seu bom comportamento, a partir de 1967, começam os fornecimentos militares sob o título de "acção cívica".

Em 1969 o Pentágono declara: "é preciso colaborar no esforço indonésio com vista a criar uma organização militar capaz de manter a segurança interna".

Assina-se um acordo que assegura à Indonésia o envio de vários aviões. Depois da visita de Suharto aos EUA, em 1970, Nixon pede um crédito de 511 milhões de dollars "para melhorar certas unidades de combate e as respectivas armas". Mais tarde, 3 milhões de dollars destinam-se à compra de metralhadoras, morteiros e lança-rockets.

Entre 1970 e 1975 os EUA fornecem à Indonésia 26,6 milhões de dollars para equipamento militar (aviões, radios, material de comunicação, etc.). Em 1975 mais 23 milhões para a compra de aviões especiais "contra a insurreição".

Por outro lado, de 1971 a 1975, 1.500 oficiais e técnicos indonésios fizeram estágios militares nos Estados Unidos. Na Indonésia, os programas militares são concebidos e controlados por um grupo de conselheiros americanos ("Defense Liaison Group") - em Março de 1975 eram 56 militares e 5 civis.

Uma grande parte do orçamento indonésio é gasto na compra de armamento aos EUA: 148.000 dollars no ano fiscal de 1974, 48.514.000 em 1975.

Seguindo a doutrina de Nixon, segundo o qual as tropas indígenas deviam substituir as forças americanas nos combates terrestes enquanto que os navios e aviões americanos controlariam o mar e o espaço aéreo, Jakarta prontificou-se a treinar em território indonésio várias unidades das tropas cambodjanas.

Entretanto, Suharto pode estar confiante na economia indonésia: dinheiro não lhe falta, e a "ajuda" dos amigos é inestimável: O Banco Mundial (BIRD) só nestes últimos anos, fez empréstimos no valor de: 14,5 milhões de dollars (Outubro de 1974) 115 milhões de dollars (Fevereiro de 1975), 21,5 milhões de dollars (Maio 1975).,.. O Banco Asiático para o desenvolvimento concede dois empréstimos, um de 11,5 milhões e outro de 2,7 milhões de dollars, em Novembro de 1975.

Tudo isto sob os auspícios de Washington que não deixa também de encorajar os investimentos a todos os níveis: "Demos um pequeno presente de 100.000 dollars ao governo indonésio, quando assinei, em 17 de Fevereiro, um contrato que nos autoriza a explorar 115 hectares como nos convier" - declara Carlos TAylor, representante da U.S. Steel Corporation.

Um alto dignatário indonésio afirma: "devemos compreender que os estrangeiros não queiram investir num mercado que não é estável. Um mercado estável significa calma política, e isso é-nos assegurado pelo desaparecimento dos comunistas. Mas os americanos, actualmente, não nos dão mais do aquilo que julgam necessário para que possamos abater o comunismo."

- Austrália

Muitos julgam que a Indonésia é a ponta de lança do imperialismo americano na Asia do Sudeste. Mas de facto, o bastião mais seguro dos Estados Unidos, o seu "eleito", continua a ser a Austrália.

O processo de "americanização" da Austrália faz-se em todos os domínios e a todos os níveis. Os investimentos estrangeiros na Austrália aumentaram extraordinàriamente entre os anos 60 e 70, e consolidaram-se a partir de 1972, quando o Partido Trabalhista subiu ao poder.

Duas razões explicam este interesse pela Austrália: o alto nível de vida da sua população, que pode cosntituir um excelente mercado, e a sua posição priveligiada como base de expansão económica para toda a Asia do Sudeste (Indonésia, Malásia, TAilândia, Singapura, etc.)

Em 1970, Gough Whitlam, dirigente do Partido Trabalhista e futuro primeiro-ministro declarava na associação American-Australian, em Nova York: "os investimentos na Austrália podem ser eficazes. Sobretudo se estes são destinados, não só a estender o mercado americano, mas também a servir como base do desenvolvimento dos países que cercam a Austrália."

Por outro lado, os americanos instalaram em território australiano numerosas bases militares e de telecomunicações, algumas delas com funções secretas, ignoradas até do próprio governo de Camberra.

As universidades australianas são também aproveitadas por Washington, como centros de estudo das suas acções na região: assim, a Faculdade de Antropologia de Sydney colaborou com o Tribal Research Center que, na TAilândia, ajudava o governo na sua luta contra a "subversão". E mais recentemente o centro de formação da universidade de Macquaria firmou um contrato com a Fundação Ford com o fim de reorganizar o sistema escolar das Filipinas, no sentido de o adaptar melhor às necessidades dos investidores americanos naquele país.

Mas os estudantes e os sindicalistas australianos começam a denunciar o significado desta expansão económica, que mais não faz do que consolidar os regimes fascistas da área, assim como também o treino de militares destes países na Austrália.

- Os interesses japoneses

O Japão é um dos primeiros investidores na Indonésia, e foi o inspirador da fundação do Grupo Inter-governamental encarregado dos interesses estrangeiros na Indonésia (I.G.G.I.), do qual fazem parte 15 países (EUA, Austrália, Holanda, Inglaterra, França, etc.) e 5 organizações internacionais.

Este grupo, que fornece enormes créditos ao governo de Jakarta, faz a maior chantagem a propósito da sua "ajuda", e obrigou Suharto a entregar ao capital estrangeiro todas as empresas nacionalizadas por Sukarno (das quais 50% são americanas: Unilever, Bata, Goodyear, etc.).

Em 1974, o Japão faz um empréstimo de 100 milhões de dollars à sociedade petrolífera controlada pelos militares, PERTAMINA e compromete-se a participar na construção do maior depósito mundial de petróleo (Ilha de Lombok).

É nessa altura que o ministro japonês Tanaka visita Jakarta, e os estudantes organiza grandes manifestações de protesto, duramente reprimidas pela polícia (vários mortos e feridos).

A LUTA DE RESISTÊNCIA CONTRA O FASCISMO INDONÉSIO

A política interna indonésia é portanto dominada pela corrupção, pela ambição desmedida, pela submissão completa ao imperialismo e pelas fraudes económicas constantes.

A vida do povo indonésio é dominada pela miséria, pela perseguição, pela repressão dos mais elementares direitos humanos, pela insegurança total.

A luta do povo não terminou depois de 1965. O PKI fez a sua autocritica e reorganizou-se no exterior e no interior, apelando para a união de todos os indonésios anti-fascistas e para a necessidade da luta armada, como único meio de vencer o imperialismo que explora a Indonésia.

Java, Sumatra, Celebes, Burnéu, Molucas: a guerrilha começou e o poder central sente-se abalado.

É neste contexto que a anexação de Timor leste representa mais um enorme crime contra a liberdade do povo; é neste contexto que se sompreende porque é que a Indonésia não tinha outra saída face à proclamação da independência da República Democrática de Timor-Leste, é neste contexto que se vê como a luta do povo timor será dura e prolongada, é neste contexto, finalmente, que se constacta, de facto, como o combate dos povos oprimidos e explorados contra o seu inimigo comum, é o mesmo em toda a parte do mundo.